

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



OBJECTOS DO QUOTIDIANO NA PINTURA DE JOSEPHA D'AYALLA. IMAGINÁRIO OU REALIDADE ARQUEOLÓGICA?

Joana Gonçalves / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa / joanafrgoncalves@gmail.com.

RESUMO

Enquanto arqueólogos, o nosso propósito deverá sempre ser o de procurar construir uma realidade que ficou no tempo e à qual apenas temos rasgos de informação, seja através de espólios, vestígios de estruturas, documentação escrita e pictórica. Devemos, por isso, utilizar todas as informações que conseguimos obter para o período que nos propomos estudar e, entre elas, parece-nos que a documentação pictórica, a existir, só pode ser encarada como uma mais-valia na construção do conhecimento.

Assim, pensámos utilizar a obra de reconhecida pintora seiscentista, Josepha d'Yalla e Cabrera, como ponto de partida para o estudo de objectos do quotidiano do século XVII em Portugal. Procurou-se classificar os objectos por ela representados, comparando-os com as evidências arqueológicas seiscentistas, estabelecendo paralelos formais e interpretações utilitárias dos mesmos.

ABSTRACT

As archaeologists our aim is to build a reality which stayed back in time. A reality reaching us through small dashes of information provided by finds, architectural structures, written or pictorial evidence. Thus, an archaeologist should use every available information for the study of past periods and among those it seems that pictorial information, when existent, as to be considered as an added value to knowledge.

Supported by this idea, the painted work of the famous 17th century artist, Josepha d'Yalla e Cabrera, was used as a starting point for the study of daily objects in Early Modern Portugal. Our aim was to classify those objects, comparing them to 17th century archaeological finds establishing formal parallels and its utilitarian interpretations.

Optou-se por integrar no estudo, apenas o espólio produzido em cerâmica, metal e vidro, excluindo-se cestaria, couros, tecidos e a joalharia. Os primeiros por serem realizados em materiais perenes que, por norma, não subsistem, em ambientes arqueológicos, em território nacional, e a joalharia por não nos parecer revestir-se de carácter quotidiano mas sim sumptuário, aspecto reforçado pela forma como aparece representada nas obras da autora em apreço. Na análise que se fez de quadros com representações de objectos, verificámos que, das cerca de 103 obras, publicadas, atribuídas a esta artista, foi possível reconhecer representações, dos objectos em estudo no presente trabalho, em trinta e cinco, o que equivale, sensivelmente, a um terço. Estas podem, por sua vez, ser distribuídas em três categorias temáticas: naturezas-mortas (60%); temas religiosos

(28,57%); outros temas (11,43%). Identificaram-se 67 peças em cerâmica, 27 em metal e 6 em vidro, num total de cem, numa clara predominância dos objectos cerâmicos. Destes, reconheceram-se exemplares em cerâmica comum, cerâmica fina, cerâmica vidrada, faiança, portuguesa e importada, e porcelana. Conforme se verifica, a maioria das peças representadas são de cerâmica, no entanto, os artefactos em metal surgem-nos aqui com uma representatividade de 27% o que, em contextos arqueológicos se revela bastante mais escasso. Essa produção, mais frágil e bastante mais económica, a maioria pelo menos, proliferaria com muito maior abundância nos contextos seiscentistas. Nos arqueossítios portugueses, no que ao metal diz respeito, encontram-se essencialmente peças em ferro e em liga de cobre/bronze. Surgem também, claro, algumas excepções,

com peças de prata e mesmo de ouro, nestes casos quase sempre objectos de adorno ou joalharia mais pequenos e mais fáceis de se perderem e, por isso, de chegarem até hoje. A maioria das peças representadas são de prata, o que leva a crermos que, para chegarem até à actualidade, seriam conservadas e permaneceram em colecções e museus, caso contrário seriam derretidas para aproveitar o valor do seu metal. Os vidros surgem, tal como em contextos arqueológicos, em número bastante reduzido, apenas 6%. Revelando-se artefactos bastante frágeis é natural que poucos chegassem até à actualidade, além de que à época seriam peças de prestígio e de custo elevado, por isso, igualmente, mais raras.

As produções de cerâmica são, como podemos constatar, bastante variadas, bem como ampla é a sua variedade formal. Neste sentido, as representações mais simples que encontramos são as de peças produzidas em cerâmica comum.

Uma das formas mais singela produzida em cerâmica comum e representada por Josepha d' Ayalla é, por certo, taça hemisférica que surge em três quadros. Recipiente de pequenas dimensões, corpo hemisférico e bordo espessado exteriormente, utilizado para consumo individual de alimentos, para guardar ou para os servir à mesa.

Peças semelhantes foram recolhidas em escavações um pouco por toda a região centro. Em Palmela, em contextos do séc. XVI (Fernandes e Carvalho, 1998, pp. 214, 225, 246, nºs 109-116). Em Lisboa, na rua dos Correeiros (Trindade e Diogo, 2003) e na Calçada de São Lourenço, em entulhos, dos séc. XVI/XVII (Diogo e Trindade, 2003), bem como no Hospital Real de Todos-os-Santos (Moita, 1964 e 1965, est. XXIV). Em Cascais foram recolhidos exemplares destas taças, em contextos dos séculos XVI/XVII, no Convento de N.ª Sr.ª da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 2002, pp. 271, 279) e em contextos de finais do séc. XVI, na Sociedade Musical de Cascais e no Beco dos Inválidos (Cardoso e Rodrigues, 1999, pp. 202, 203, nºs 27-29) e no Casal do Geraldo (Cardoso e Encarnação, 1990). Também em Sintra, contexto de finais do século XVI e século XVII providenciou peças afins (Ferreira, 2003, pp. 280, 281). Em escavação na Azenha de Santa Cruz, Torres Vedras, foi possível identificar semelhante forma (Luna e Cardoso, 2008, p. 264), em contexto dos séculos XV/XVI e um fragmento em estrato dos séculos XVI/XVII. Também no Convento de Cristo, em Tomar, em contexto datado entre a 1ª metade do

século XVII e o seguinte foram recolhidos exemplares de tais peças (Ferreira, 1994, p. 178, nº 320), assim como em escavação realizada na vila de Óbidos, na Casa do Pelourinho, em 2002 (Gonçalves, 2004) (Figura 1.1).

Muito difundidas neste período são as bilhas e os cântaros, ambos utilizados para conter líquidos, muito em especial água. Identificaram-se restos de bilhas no Convento de S. Francisco, em Lisboa, contexto do século XVII (Ramalho e Folgado, 2002, pp. 265, 266), com colo estrangulado, no entanto não tão alto como os representados por Josepha. De norte a sul do país surgem cântaros, sem decoração, em contextos dos séculos XVI e XVII. Exemplos de tais ocorrências, em Lisboa, na Calçada de São Lourenço (Diogo e Trindade, 2003, pp. 207, 211), em Tomar, no Convento de Cristo (Ferreira, 1994, pp. 164-172), no Porto, na escavação da Casa do Infante (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, pp. 170, 171, fig. 46), assim como na Casa do Pelourinho, em Óbidos (Gonçalves, 2004). No Convento de Cristo e em Coimbra (Ferreira, 1994, p. 193; 1995, p. 158, est. 5) surgem exemplares com asas em cordão de dois cabos como a asa de cântaro representado no quadro *Natureza Morta*. No Convento de S. Francisco, em Lisboa, podem-se observar exemplares de cântaro com decoração incisa (Ramalho e Folgado, 2002, pp. 263, nº 16), idêntica à representada pela pintora obidense. Na Azenha de Santa Cruz, identificou-se fragmento de bojo com decoração pedrada (Luna e Cardoso, 2008, p. 271). Infusa do Convento de Santa Ana, Lisboa (Sardinha, 1990-1992, pp. 492, 494), apresenta relevos de cerâmica, aplicados, em forma de botão, com incrustações de quartzo, na asa, como ocorre em cântaro representado no quadro *Mês de Junho*, contudo, enquanto essa possui incrustações variadas e aleatórias, a pintada por Josepha apresenta quatro pedaços em cada relevo (Figura 1.2).

A acompanhar a forma anteriormente mencionada não pode faltar tampa, de fecho hermético, normalmente de corpo troncocónico e pega central destacada. Tais peças foram recolhidas na Calçada de São Lourenço, sem qualquer decoração (Diogo e Trindade, 2003, pp. 208, 209, 213, nº 47). No Edifício do Aljube, em Lisboa, em contexto datado de meados e 2ª metade do séc. XVI, recolheram-se exemplares desta forma, com decorações variadas (Santos, 2008, pp. 335, 336). Manuela Almeida Ferreira (1995, p. 160, est. 7.1-3) identifica três tampas deste tipo, com decoração diversa, uma delas pedrada. De igual

modo ocorre com peça identificada no Convento de Santa Ana, em Lisboa (Sardinha, 1990-1992, pp. 500, 501) e em peça recolhida em Óbidos, na escavação da Casa do Pelourinho (Gonçalves, 2004). No Convento de S. Francisco, em Lisboa (Ramalho e Folgado, 2002, p. 258, nº 4), observa-se decoração com sulcos fundos que provocam aspecto lobulado/gomado (Figura 1.3).

Uma outra forma utilizada para cobrir recipientes utilizados para a confecção e guarda de alimentos, normalmente potes e panelas, é o testo. Produzido em cerâmica comum, corpo troncocónico, por vezes com bordo em aba e pega central em botão, surge um pouco por todo o território e com variadas dimensões que correspondem aos diferentes recipientes onde pode ser aplicado.

Em Palmela, foram identificados artefactos destes no Convento de S. Francisco de Alferrara (Fernandes e Carvalho, 2003, pp. 236, 237, 248, nº 41), na Rua de Nenhures, forno da Rua de Nenhures e Convento dos Capuchos (Fernandes e Carvalho, 1997; 1998, pp. 229, 250, nºs 160, 161, 163). Em Lisboa, recolheram-se testos no Hospital Real de Todos-os-Santos (Moita, 1964 e 1965, est. XXI.189), Calçada de São Lourenço (Diogo e Trindade, 2003, pp. 207, 209, 212, nºs 33, 34), Rua dos Correeiros (Trindade e Diogo, 2003, pp. 289, 290, 293, fig. 6.24) e, mais tardiamente, em lareira de uma cozinha destruída pelo terramoto de 1755 (Rua de Santa Justa/Rua dos Correeiros) (Diogo e Trindade, 1995, pp. 169, 170). Também em Cascais foram identificadas formas destas, na Sociedade Musical de Cascais, no Beco dos Inválidos e no Convento de N.ª Sr.ª da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 199, nºs 1-6; 2002, pp. 270, 271, 278, est. I). Escavação no Casal de Santo António, em Sintra, atribuível aos finais do século XVI e século XVII, também providenciou tal material (Ferreira, 2003, pp. 280, 281, fig. 6.b), assim como escavação na Azenha de Santa Cruz (Luna e Cardoso, 2008, pp. 258, 259) e no Convento de Cristo, em Tomar (Ferreira, 1994, p. 189) (Figura 1.4). É uma forma que persiste, desde tradição islâmica até à actualidade, praticamente imutável seja em termos formais como utilitários (Gomes e Gomes, 1996, p. 63).

Produzido ainda em cerâmica identificámos castiçal, e não candelabro como por vezes aparece identificado na bibliografia, já que comporta apenas uma vela ao passo que o candelabro acomodaria mais do que um foco de iluminação. Nas escavações do forno de S. António da Charneca, no Barreiro, foi recolhi-

do exemplar produzido em pasta de cor rósea, em contexto identificado como pertencente aos fins do século XV e 1ª metade do seguinte, com restos de produção vocacionada para consumo quotidiano da população regional (Barros, Cardoso e Gonzalez, 2003, pp. 300, 302, est. I.3). Igualmente em contexto de produção regional, na Ria de Aveiro B, foi identificada forma similar (Alves *et alii*, 1998, pp. 206, 208, 209, fig. 48a, b). Em ambos os casos os castiçais recuperados apresentam forma mais simples do que as representadas na pintura (Figura 1.5).

A par das peças de cerâmica comum Josepha d'Ayalla representa peças mais delicadas, de menores dimensões e com paredes menos espessas, essencialmente cerâmica de mesa, como púcaros e garrafas, que podem ser integradas na categoria de cerâmica fina.

No caso das garrafas, representadas em três quadros, foram identificadas peças com alguma similitude no Convento de Santa Clara, em Moura, com cronologia atribuída ao século XVII (Rego e Macias, 1994, pp. 157, 158; Macias e Rego, 2005, pp. 42, 43). A classificação atribuída pelos autores é a de unguentário, contudo, tendo em vista a utilização que a pintora obidense faz de tais peças parece-nos que a classificação das mesmas como pequenas garrafas, ou mesmo miniaturas, será mais apropriada. No entanto uma diferença é evidente, enquanto as peças alentejanas ostentam decoração, com motivos vegetalistas, executada através de incisões, punções e ônfalos, as representadas nos quadros seiscentistas revelam decoração, vegetalista, mas pintada, nas cores amarela e branca, sobre a superfície vermelha (Figura 2.1). Desconhecemos qualquer peça, proveniente de arqueossítio, com tal decoração.

A grande maioria das peças produzidas em cerâmica fina podem ser integradas na categoria formal de púcaro que, no nosso entender, deverá englobar qualquer recipiente de pequenas dimensões, com corpo globular ou outro, com colo, alto ou curto, possuidor de uma ou duas asas, verticais ou horizontais, destinado à utilização individual, que serve para beber, normalmente água. Daí se possa encarar sem estranheza a variedade de pormenores de cada uma das peças identificadas como púcaro. É uma das formas mais recorrente nos quadros de Josepha d'Ayalla, por nove ocorrências em cinco quadros, correspondendo a seis peças distintas, já que algumas formulações se repetem.

Decorados através de técnica de modelagem, e atendendo à especificidade técnica, manual, que pro-

porciona quase sempre peças únicas, é natural que não se encontrem paralelos exactos, contudo a sua presença é constante em escavações um pouco por todo o país, oferecendo-nos casos em que é possível identificar características que são, mais ou menos, constantes neste tipo de peças, como as séries de incisões que demarcam a base e proporcionam um efeito ziguezagueante da mesma, as grandes mossas ovais, modelações várias das pastas, bordos polilobolados, entre outras podem ser observadas em peças recolhidas, por exemplo, nas escavações de dois fornos, dos séculos XVI/XVII, em Silves (Gomes, 2008), trabalho onde se efectua excelente relação dos locais, nacionais e estrangeiros, onde até à data se recolheu este tipo de produções. No Convento de S. Francisco de Alferrara, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 2003, pp. 237, 252), no Convento de Santa Clara, em Moura (Rego e Macias, 1994, p. 151; Macias e Rego, 2005). Em Lisboa, no Hospital Real de Todos-os-Santos (Moita, 1964 e 1965, est. XXIV), no Convento de Sant'Ana (Etchevarne e Sardinha, 2007; Gomes e Gomes, 2007) e no Edifício do Aljube (Santos, 2008). Em Cascais, no Convento de N.ª Sr.ª da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 2002, pp. 273, 283, est. 6.26, 27). Na Azenha de Santa Cruz (Luna e Cardoso, 2008, pp. 273, 274), no Convento de Cristo (Ferreira, 1994, pp. 193-198), ou na Casa do Infante (Real *et alii*, 1995, pp. 183, 184), assim como na escavação da Casa do Pelourinho, em Óbidos (Gonçalves, 2004) (Figura 2.2).

Passando para a cerâmica vidrada, observamos cinco potes, um jarro e uma tampa. Dos cinco potes representados, dois são cobertos com pano e os restantes com testo. São potes vidrados, de cor castanha clara e aspecto melado, com escorrências de negro.

Encontramos paralelos para estes potes em Palmela, no Convento de S. Francisco de Alferrara, em pote de asas horizontais, pasta castanha e superfícies cobertas a vidro de cor castanha e aspecto melado (Fernandes e Carvalho, 2003, pp. 236, 246, nº 31) e nos Passos do Concelho, neste caso com pasta alaranjada (Fernandes e Carvalho, 1998, pp. 216, 235, nºs 9, 10). No Convento de N.ª Sr.ª da Piedade, em Cascais, encontramos paralelo formal mas com as superfícies vidradas na cor verde (Cardoso e Rodrigues, 1999, pp. 210, 211, nº 76; 2002, pp. 274, 284, est. 7). Para as peças de asa vertical, que são as que surgem representadas com testo, os únicos paralelos de que dispomos são produzidos em cerâmica comum, sem superfícies vidradas, como exem-

plo, no Convento de N.ª Sr.ª da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 2002, pp. 271, 279, est. 2.9) ou nos Paços do Concelho, Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006, p. 111, nº 66) (Figura 2.3).

Passando para as faianças, a forma que mais se destaca é o prato, que surge por dez vezes, seguida de taças, em número de cinco e um pequeno pote.

A taça hemisférica, presente no quadro *Natureza morta: flores, frutos e legumes* é um exemplo claro de faiança portuguesa, com paralelo em termos formais e de decoração da superfície exterior em Torres Vedras, na escavação de poço dos Paços do Concelho (Luna e Cardoso, 2006, p. 109, n.49, 50). Esta peça encontra-se decorada com o motivo das rendas no exterior e as paredes interiores apresentam dois pêsegos e a extremidade de um aranhão (Figura 2.4). Arqueologicamente nunca foi identificada uma peça que combinasse estas duas ornamentações.

Taça, de faiança portuguesa, representada no quadro *Natureza morta com doces e barros* apresenta nova questão, neste caso relacionada com o brasão que ostenta. Por um lado, a julgar pela representação, de excelente qualidade, atribuiríamos esta peça a oficina lisboeta, por outro, a única outra vez em que se identificou este brasão foi em fragmento de prato, recolhido nas escavações da Garagem Avenida, em Coimbra, mas com qualidade técnica francamente inferior à representada na pintura seiscentista (fotografia de L. Sebastian, seg. Casimiro, 2010, p. 570). Não nos foi ainda possível identificar as famílias a que pertenceria, podendo os círculos estar associados aos Castro e as linhas verticais aos Lima (Figura 2.5).

A grande taça polilobolada constante no quadro *Natureza morta com doces e flores* (1676) parece-nos poder ser identificada com *crespine*, ou seja “prato canelado”, de oficina italiana de Montelupo. Caracterizavam-se por se tratar de produção fina, com esmalte azul acinzentado, típico desta oficina, em ambas superfícies, possuem pés altos, anelares, extrovertidos, copiando formas de recipientes metálicos, assim como lhes tentam imitar o efeito metálico da superfície, como Josepha tão bem ilustra. Foi recolhido fragmento de uma destas peças, em Amsterdão, que possui, na superfície interior, em cada lóbulo, decoração vegetalista, alternando entre as cores amarela e azul, e com cercadura a azul, com cronologia entre 1575 e 1600 (Hurst *et alii*, 1986, pp. 22, 23, fig. 8) (Figura 2.6).

No que às peças metálicas concerne, a forma que

mais se repete nos quadros da pintora obidense é a salva de pé alto. Surge representada em oito quadros diferentes, no entanto cremos tratar-se sempre da mesma peça, em prata, com pé circular troncocónico alto e prato plano, de orla relevada. Não encontramos quaisquer referências a peças similares recolhidas em ambiente arqueológico, contudo identificámos peça idêntica, com cronologia atribuída ao século XVII, no Museu Nacional Machado de Castro (*MatrizNet*, inv. 6170;O91). No mesmo Museu identificou-se salva de pé, do século XVII (*MatrizNet*, inv. 6170;O90) e par de salvas datado de 1680/1720 (*MatrizNet*, inv. 6507;O189 e 6508;O190), em prata branca, com decoração nas paredes formada por incisões oblíquas que proporcional efeito igual ao representado por Josepha em tabuleiro, representado em dois dos seus quadros (Figura 3.1).

Pequeno pote com tampa, representado em dois quadros distintos, *Santa Maria Madalena* e *Calvário* apresenta classificação difícil. Por um lado, o único paralelo formal que encontramos para peça similar encontra-se no Victoria and Albert Museum, identificado como pertencente às oficinas de Gubbio, produzida por volta de 1515/1530 (Chompret, 1949, p. 96, fig. 751; Caiger-Smith, 1985, p. 152, fig. 96), logo em majólica italiana, elaborada a molde, de modo a imitar formas metálicas. Contudo, em outras pinturas da mesma época observam-se recipientes afins, identificados como sendo produzidos em estanho. Parece-nos pouco provável que a pintora possuísse uma peça cerâmica, de tal forma rara, que ainda hoje só se conheça exemplar presente em colecção de museu inglês e que lhe tenha decidido alterar a cor para a aparentar a um objecto produzido em estanho quando é bastante mais provável que detivesse peça nesse metal (Figura 3.2).

No mesmo quadro, *Santa Maria Madalena*, observa-se outra peça metálica, uma candeia. Esta apresenta corpo cilíndrico, com orifício superior para a mecha, espelho cónico e fina corrente que permite a sua suspensão. Dois exemplares afins foram recolhidos em escavação no Convento de N^h Sr^a das Neves (Cadaval), em contexto atribuído ao século XVIII (Cardoso, 2009, p. 64, figs 57-59) (Figura 3.3).

Ainda em metal, identifica-se representação clara de talheres, colher e faca, com três representações cada. As colheres, duas de prata, que julgamos tratar-se do mesmo objecto representado em dois quadros diferentes, e uma de ouro, são bastante sóbrias. A colher de prata encontra paralelo em colher recolhido

em 1996, aquando da escavação do naufrágio da nau Nossa Senhora dos Mártires (AAVV, 1998, p. 220) (Figura 3.4).

Em vidro identificaram-se seis peças, sendo que dessas, cinco correspondem a garrafas, de dois tipos distintos, e uma a pequeno recipiente decorativo.

Quatro garrafas similares, produzidas em vidro escuro, negro, encontram paralelo em peça recolhida na Casa dos Bicos (AAVV, 1983, p. 258) e em peças do Museu Nacional Soares dos Reis, realizadas em vidro verde, escuro, através da técnica do vidro soprado, atribuíveis ao século XVII e provenientes do Convento de Santa Clara, de Vila do Conde (*MatrizNet*, inv: 222 Vid CMP/MNSR; 223 Vid CMP/MNSR) (Figura 3.5).

A garrafa de cabaça tem paralelo em peças escavadas no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, sendo uma forma que resulta de herança islâmica e produções europeias meridionais (Ferreira, 2004, pp. 553-557, 578, fig. 4.a, c, d, f, est. IV.6), assim como no Hospital Real de Todos-os-Santos (Boavida, s.d., pp. 2, 5, 8, est. I.3) (Figura 3.6).

Foi possível identificar paralelos, em contextos arqueológicos dos séculos XVI e XVII, para a maioria das peças que Josepha representa, bem como em colecções museológicas. Excepção para os casos de “devaneio artístico”, como nos parece ser o caso de cântaro profusamente decorado, constante no quadro *Natureza Morta com doces e barros*.

As formas representadas são, como se constata, bastante variadas, bem como as proveniências de algumas delas. De um modo geral, podemos interpretar as formas representadas como duas realidades distintas, por um lado as peças de tradição mais antiga, por outro as peças que são recentes, fruto de uma nova dimensão artística que se reflecte também no espólio, o Barroco.

Em Portugal, o expoente da estética barroca fez-se sentir, no que à produção cerâmica diz respeito, na cerâmica fina, com decorações modeladas, e nas peças com decoração dita pedrada. Apesar do seu reduzido valor, em termos económicos, os púcaros, deste período, adquirem valor estético e são apresentados a par de cerâmicas bastante mais onerosas como as faianças e as porcelanas e dispostos, em escaparates, a par de peças fabricadas em metais preciosos como a prata (Pleguezuelo, 2000, p. 130).

Como se constata, as peças representadas por Josepha d'Ayalla nos seus trabalhos são suas contemporâneas. Parece-nos que a artista estaria atenta a modas e ino-

vações e deteria algum espólio, relativamente novo, nacional e internacional, que lhe terá possibilitado alternar e variar as composições que executa.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Francisco J. S.; RODRIGUES, Paulo J. P.; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do séc. XV, *Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.

AAVV (1983) – *Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento / XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, vol. 6 – *Casa dos Bicos: o homem e a hora são um só: a dinastia de Avis*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

AAVV (1998) – *Nossa Senhora dos Mártires. A Última Viagem*. Lisboa: Verbo.

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.

BARROS, Luís; CARDOSO, Guilherme; GONZALEZ, António (2003) – Primeira notícia do forno de S. António da Charneca – Barreiro. In *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 295-307.

BOAVIDA, Carlos (s.d.) – Espólio vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal) [[http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes/Esp%C3%B3lio%20v%C3%ADtreo%20de%20um%20po%C3%A7o%20do%20Hospital%20Real%20de%20Todos-os-Santos%20\(Lisboa\).pdf](http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes/Esp%C3%B3lio%20v%C3%ADtreo%20de%20um%20po%C3%A7o%20do%20Hospital%20Real%20de%20Todos-os-Santos%20(Lisboa).pdf)].

CAIGER-SMITH, Alan (1985) – *Lustre Pottery: Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*. Londres: Faber and Faber.

CARDOSO, Guilherme (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejusto, Cadaval). In *Actas do 1.^o Encontro de Cultura e Património*. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval, pp. 43-82.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNANÇA, José d' (1990) – Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril – Cascais). *Arquivo de Cascais*, 9, pp. 45-62.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – Tipologias e cronologias de cerâmica dos séculos XVI, XVII, e XIX encontrados em Cascais. *Arqueologia Medieval*, 6, pp. 193-212.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento

de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais. In *Actas do 3.^o Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 269-288.

CASIMIRO, Tânia (2010) – *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII)*, Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História, especialidade de Arqueologia, à Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].

CHOMPRET, Joseph (1949) – *Répertoire de la Majolique Italiene*, vol. II. Milão: Editioni San Gottardo.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1995) – Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In *Actas das 1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 163-170.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, n.ºs 17/19, em Lisboa. In *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.

ETCHEVARNE, Carlos; SARDINHA, Olinda (2007) – A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 23, pp. 345-372.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael (1997) – Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (Área Urbana de Palmela). *Setúbal Arqueológica*, 11-12, pp. 279-295.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 211-255.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael (2003) – A loiça seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela). In *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 231-251.

FERREIRA, Manuela Almeida (1994) – Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo. *Mare Liberum*, 8, pp. 117-201.

FERREIRA, Manuela Almeida (1995) – O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *Actas das 1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 151-161.

FERREIRA, Manuela Almeida (2003) – Vidro arqueológico da região de Sintra (séculos XVI e XVII). *Arqueologia Medieval*, 8, pp. 279-291.

- FERREIRA, Manuela Almeida (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 2, pp. 541-583.
- GOMES, Mário Varela (2008) – Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII) – notícia preliminar. In *Actas das 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do Poço Cisterna de Silves. *Xelb*, 3, pp. 143-206.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados Preliminares. *Olisipo*. II. 27, pp. 75-92.
- GONÇALVES, Joana (2004) – *Cerâmicas modernas provenientes do Q1. Casa do Pelourinho (Óbidos)*, trabalho apresentado na disciplina de Arqueologia Moderna na FCSH-UNL [texto policopiado].
- HURST, John G; NEAL, David S.; BEUNINGEN, H. J. E. van; CLARK, Ann (1986) – *Pottery Produced and Traded in North-West Europe, 1350-1650*. Rotterdam, Stichting ‘Het Nederlandse Gebruiksvoorwerp’ (Rotterdam Papers; 6).
- LUNA, Isabel; CARDOSO, Guilherme (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Actas do 3^o Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval: Câmara Municipal Cadaval, pp. 99-112.
- LUNA, Isabel; CARDOSO, Guilherme (2008) – *Azenha de Santa Cruz, Torres Vedras. Resultados dos Trabalhos Arqueológicos 2004-2007*, vol. II, Torres Vedras.
- MACIAS, Santiago; REGO, Miguel (2005) – *Convento de Santa Clara (Moura). Um Conjunto Cerâmico do Século XVII*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- MOITA, Irisalva (1964) – Hospital Real de Todos-os-Santos – I. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L., de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*. ano XXV. 101/102, pp. 76-100.
- MOITA, Irisalva (1965) – Hospital Real de Todos-os-Santos – II. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L., de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*. ano XXVI. 104/105, pp. 26-103.
- PLEGUEZUELO, Alfonso (2000) – Cerâmica para agua en el barroco español: una primera aproximación desde la literatura y la pintura. *Ars Longa*. 9-10, pp. 123-138.
- RAMALHO, Maria M. B. Magalhães; FOLGADO, Deolinda (2002) – Cerâmicas modeladas ou o requinte à mesa do Convento de São Francisco de Lisboa. In *Actas do 3^o Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal Almada, pp. 247-268.
- REAL, Manuel Luís; GOMES, Paulo Dordio; TEIXEIRA, Ricardo Jorge; MELO, Rosário Figueiredo (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX. In *Actas das 1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-186.
- REGO, Miguel; MACIAS, Santiago (1994) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*. 3, pp. 147-159.
- SANTOS, Patrícia Augusto (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(2), pp. 325-345.
- SARDINHA, Olinda (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 8/10, pp. 487-512.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa. In *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.

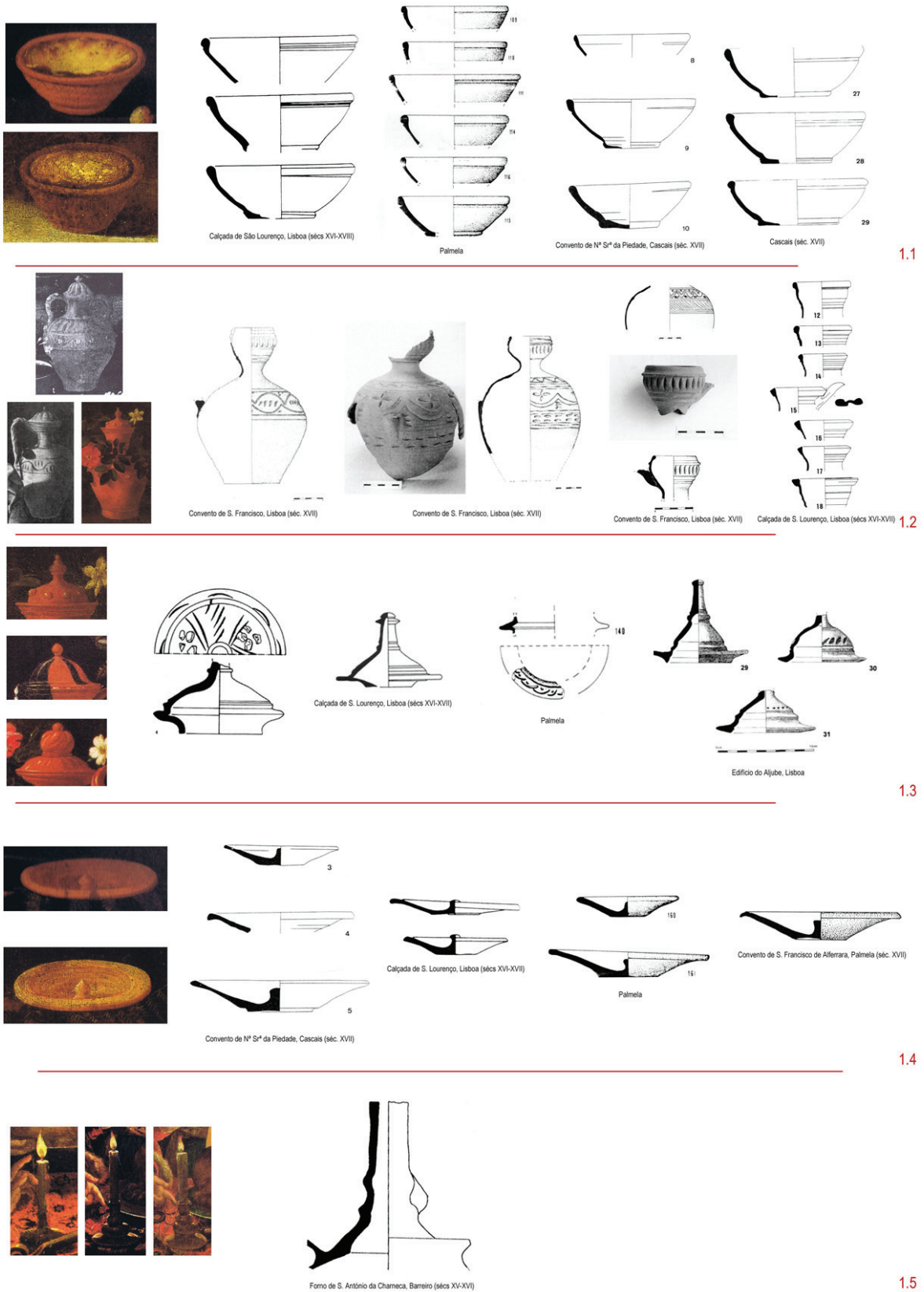


Figura 1 – Cerâmica comum. Peças representadas e paralelos.



Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa (1553-1729)

3.1



Victoria & Albert Museum

3.2



Convento de N^o Sr^a das Neves, Cadaval

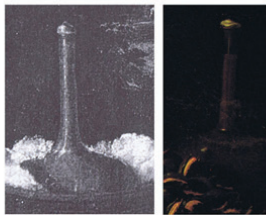


3.3



Nossa Senhora dos Mártires

3.4



Casa dos Bicos (sécs XVII-XVIII)

3.5



Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa



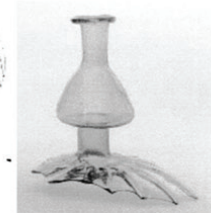
4 d



4 f



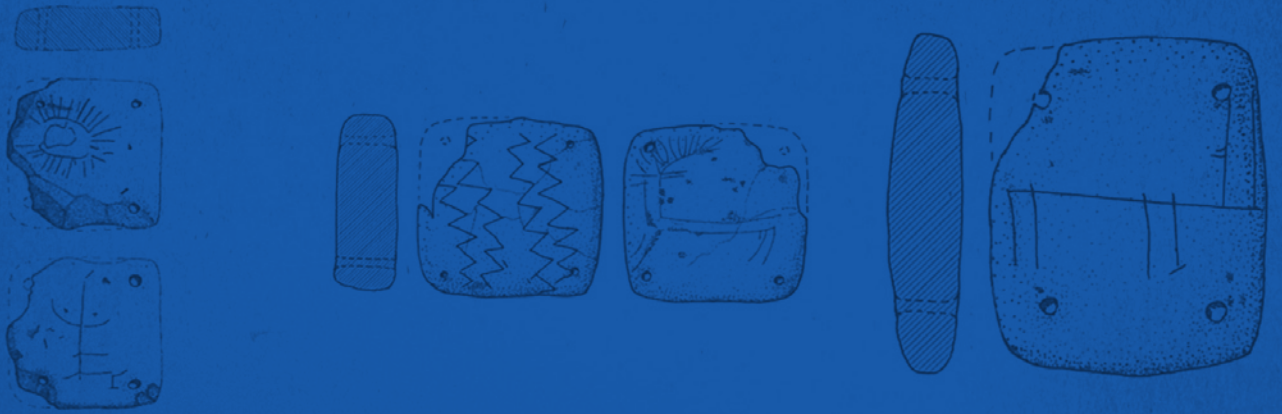
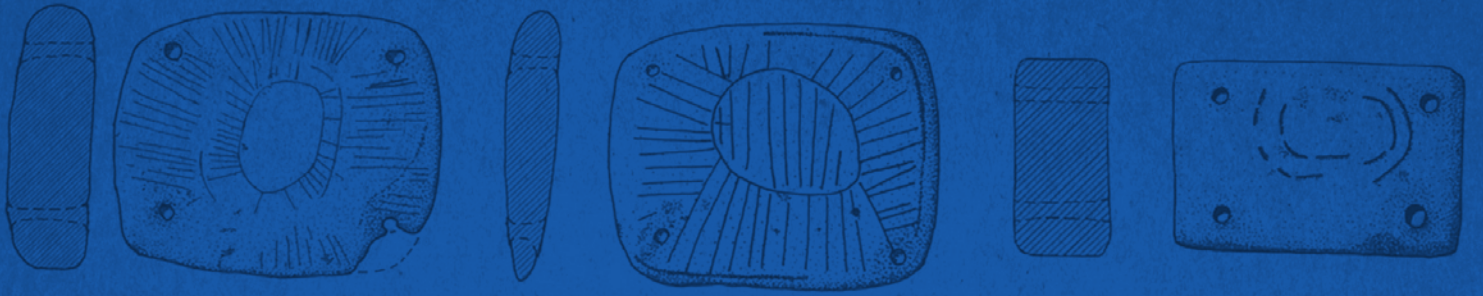
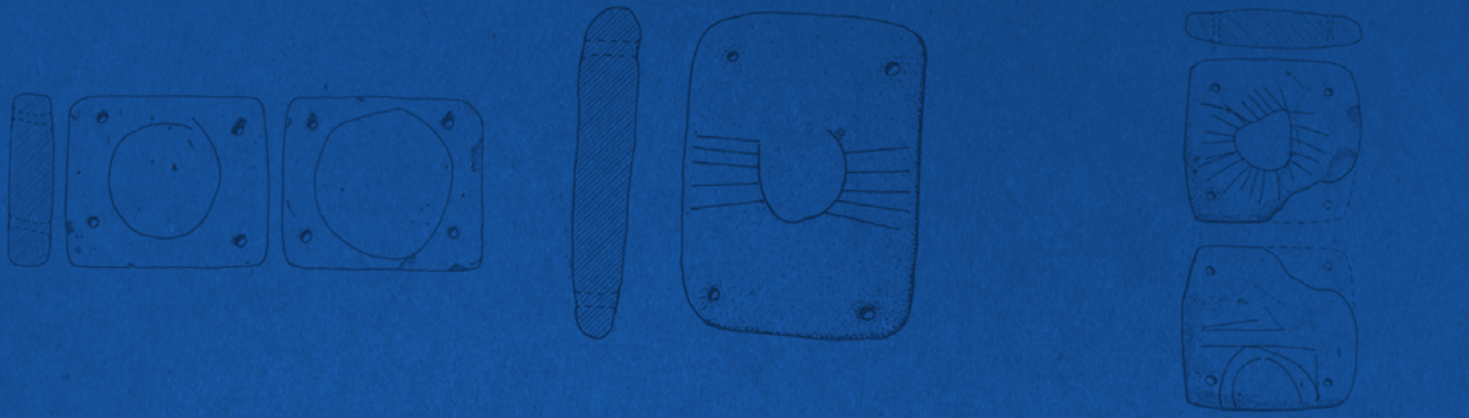
4 g



Convento de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

3.6

Figura 3 – Metais e vidros. Peças representadas e paralelos.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua